

CRÍTICA FILME | SUPER MARIO GALAXY: O FILME

POR RODRIGO FONSECA



Divulgação

Luigi (numa dublagem supimpa de Manolo Rey) vira sapo para ajudar o dino Yoshi e seu irmão Mario (na voz de Raphael Rossatto)

Um fliperama VIVO

Foi “Tron” (1982) que transformou a narrativa cinematográfica num Atari em tela grande, pela primeira vez (... com êxito) na História, comprovando que a estética pautada por jogabilidade dos videogames poderia ser emulada pelo storytelling audiovisual, criando algo visualmente novo para uma mídia pautada pelo registro, em movimento, do real. Desde então, consoles da Sega e da Nintendo, entre outras desenvolvedoras de joguinhos, evoluíram a maneira de se divertir com um joystick, indo de gráficos poligonais a um nível geométrico de realismo que parece

uma simulação da vida. A fantasia, contudo, não se perdeu.

Ela inspirou (e preservou) o mundo florido do ouriço Sonic, a geografia retangular de “Minecraft” e o universo de fungos mágicos dos bombeiros hidráulicos Mario e Luigi. A partir desta Semana Santa, eles podem dar ao circuito exibidor seu primeiro bilhão de 2026. Nestes tempos onde a frequência às salas de projeção seguem patinando, no refluxo da pandemia e na forte concorrência com streamings, “Super Mario Galaxy: O Filme” é a maior diversão, sem game over, refinando um padrão visual de ani-

mação que dialoga com os jogos eletrônicos, os de hoje e o do passado, calçada num herói impecável. Mario é uma mistura de Mickey com Sergio Mallandro.

Coube à Illumination cuidar dele. Fundado por Christopher Meledandri, em 2007, esse estúdio, antes consagrado com “Meu Malvado Favorito” (2010-2024) e seus Minions, firmou sinergia com a Nintendo, ao importar seu personagem mais popular.

Ele volta com mais refinamento plástico e dramaturgicamente. O longa-metragem anterior da grife “Mario Bros.”, de 2023, rendeu US\$

1,3 bilhão apoiado na habilidade dos diretores Aaron Horvath e Michael Jelenic (de “Os Jovens Titãs Em Ação!”) em fundir adrenalina e piada. Eles regressam ao posto em “Galaxy”, expandindo a fauna de tipos que cruzam com os protagonistas, com direito ao o piloto Fox McCloud (interpretado pelo galã Glen Powell). A raposa estelar é coadjuvante de luxo na volta de Mario e Luigi - criados há 40 anos pelos designers Shigeru Miyamoto e Gunpei Yokoi.

Encarnados por Chris Pratt e Charlie Day nos EUA (com dublagem supimpa de Raphael Ros-

satto e Manolo Rey aqui), Mario e Luigi visitam uma vez o Reino dos Cogumelos, de onde a Princesa Peach (dublada pela brilhante Carina Eiras) zarpa atrás de uma possível parente perdida, a Princesa Rosalinda. Uma tartaruga falante das trevas, Júnior (vivido pelo cineasta Benny Safdie) raptou essa aristocrata galáctica a fim de sugar seu poder. A ideia desse quelônio, mau feito pica-pau, é usar as forças de Rosalinda para salvar seu pai, o vilão Bowser (papel em que Jack Black se refestela).

O trabalho de Mario é ajudar Peach, por quem nutre um amor que as patrulhas moralistas da contemporaneidade não foram capazes de podar. A montagem nervosa de Eric Osmond torna essa jornada intergaláctica um fliperama vivo, esbanjando tensão.

CRÍTICA FILME | A MULHER MAIS RICA DO MUNDO

POR RODRIGO FONSECA

Cada país tem a Odete Roitman que merece

Embora Beatriz Segall (1926-2018) tenha feito de Odete Roitman o sintagma de tudo o que a aristocracia tem de pior, numa consolidação de persona preservada por Débora Bloch na “Vale Tudo” dos anos 2020, a personagem virou um dos tesouros dramaturgicos da cultura brasileira, num signo das contraindicações da riqueza. Um cheiro desse descompasso - entre acumulação (farta) de renda e caráter - perfuma “La Femme La Plus Riche Du Monde”, que nasceu durante o 78º Festival de Cannes, em maio de 2025, e chega agora ao Brasil, como

um chocolate fino para a temporada de Páscoa. Isabelle Huppert é uma Odete gourmet. Marianne Farnère, sua (deliciosa) personagem, tem ímpetos de mandar e vê o mundo sob uma ótica de controle, na qual sua carteira pode balizar qualquer conflito - #sqn. Sua ruína é o ruir de toda uma moral.

Jornalista profissional de 1991 a 2002, onde fez carreira na revista “Studio”, antes de virar um diretor habilidoso, o cineasta Thierry Klifa (do belo “Uma Vida À Tua Espera”) filma Isabelle nas raias entre o drama e a comédia, utili-



Divulgação

Isabelle Huppert e Laurent Lafitte num abraço da ambição no longa de Thierry Klifa

zando o carisma GG da diva para edificar uma alegoria sobre Poder, que se desenha sinuosamente em sua dramaturgia numa dialética que raro se vê no cinema francês atual, mas que, outrora, serviu de

pavimento à obra de mestres como Costa-Gavras e Claude Chabrol (parceiro profissional recorrente de Huppert). Julga-se Marianne em seus mínimos gestos, por seus devaneios onipotentes. Pouco a pouco, com habilidade, Klifa nos mostra que o juízo mais pertinente que se constrói em seu filme se refere ao entorno da privacidade

de sua personagem e não a suas escolhas e suas renúncias. É uma crônica que temos aqui... a crônica de uma decadência anunciada. Ela começa no momento que a herdeira de uma empresa de cosméticos, apelidada de “a mulher mais rica do mundo”, passa por uma sessão fotográfica com Pierre-Alain Fautin (Laurent Lafitte), um artista visual excêntrico. O comportamento nada ortodoxo do fotógrafo seduz esta mulher abastada e liberta-a da letargia do seu universo estagnado e enfadonho, levando-o a custeá-lo. Marianne não liga de bancar os excessos dele, mas sua filha, Frédérique, (Marina Fois), tenta minar a influência que Pierre-Alain exerce sobre a sua mãe, bem como as despesas imprudentes daí decorrentes.

A ciranda de vaidades que nasce daí, enquadrada numa estética realista, de cores filtradas, vai gerar um espetáculo convulsivo sobre ética... e sobre o fedor do capitalismo.